

# Uma obra preciosa ao romanista: a *Lateinische Umgangssprache* de Johann Baptist Hofmann

Evanildo Bechara, da ABL, ABF, UERJ e UFF

Entre os modernos representantes da Filologia Clássica e da Lingüística Indo-européia que interessam ao âmbito da Romanística, sem favor ocupa lugar de relevo especial Johann Baptist Hofmann. Pondo de lado importantíssimos artigos, das obras de Hofmann, que mais de perto manuseia o romanista, merecem atenção a sua extraordinária participação nos seguintes trabalhos: no *Thesaurus Linguae Latinae* (começado em 1900, mas que teve como repositório preparativo os artigos inseridos nos 15 volumes do substancial *Archiv für lateinische Lexikographie und Grammatik*, 1884-1908); na revisão e enriquecimento da parte de *Sintaxe* da 5.<sup>a</sup> edição da conhecida *Lateinische Grammatik* (1928), de Stolz-Schmalz, que figura na monumental coleção de Iwan von Müller *Handbuch der Altertumswissenschaft*, iniciada em 1885; na fecunda colaboração da 3.<sup>a</sup> ed. do *Lateinisches etymologisches Wörterbuch*, de Alois Walde e na elaboração de um livro de rara fortuna, que aprofunda raízes na língua de uso dos romanos, a *Lateinische Umgangssprache* (1.<sup>a</sup> ed. de 1926), que Joan Corominas, em sua tradução para o espanhol (Madrid, 1958), intitulou *El latín familiar*, e que Licinia Ricottilli, na tradução italiana, com excelente introdução e fartamente anotada (Bologna, 1980), denominou *La lingua d'uso latina. Lingua d'uso*, entre especialistas italianos, equivale a *língua de conversação*.

Hofmann nasceu em Neukenroth, na Alta Francônia, aos 11 de fevereiro de 1886 e morreu na sua querida Munique, aos 27 de julho de 1954. Em 1904 encontramos-lo inscrito na Universidade de Munique, no curso de Filologia Clássica ministrado por Fr. Vollmer e no de Lingüística Comparada, a cargo de W. Streitberg. Depois de oito semestres de estudos, em 1909, a dissertação *De verbis quae in prisca latinitate extant deponentibus*, elaborada sob a orientação de Vollmer, superando brilhantemente o *Staatsexamen* e o *Doktorexamen*. Seu orientador de estudos, que foi também um de seus mestres diletos, em janeiro de 1909, convida-o para integrar a equipe de redação do *Thesaurus Linguae Latinae*, já que, como tudo indicaria, lhe seria difícil, a Hofmann, fazer a carreira do magistério secundário e superior, depois do agravamento de uma doença de ouvido, manifestada ainda nos anos de universidade e que viria a privá-lo quase completamente da audição.

Na equipe do *Thesaurus* aprendeu com mais profundidade a técnica da pesquisa dos fatos de língua, lexicais e gramaticais, técnica detidamente explicitada por outro notável conhecedor da língua latina, Eduard Wölfflin, no prefácio programático do volume primeiro do citado *Archiv*, voltado, como dissemos, a reunir material com vista à redação do *Thesaurus*, este iniciado em 1900 e até hoje em plena vitalidade de elaboração.

Neste convívio, Hofmann revelou-se com tal competência e aptidão, que logo se tornou um dos mais conspícuos alicerces da gigantesca obra de lexicografia latina, em que trabalhou de 1909 até os últimos anos de sua vida. Só um exemplo patenteia a sua intimidade com os meandros e sutilezas do latim na confecção de verbetes: o lema dedicado à conjunção *et* arrola cem mil citações!

Dono de sólida informação de lingüística teórica posta a serviço da redação do *Thesaurus*, beneficiou-se Hofmann desta circunstância para a consecução de seus preciosos estudos sobre latim e línguas itálicas, refletidos na remodelação e melhoramentos introduzidos na 3.<sup>a</sup> edição do *Lateinische etymologisches Wörterbuch* de Alois Walde, publicado entre 1938 e 1954, confirmando-o como o melhor instrumento de trabalho da lingüística latina, pela comparação do léxico do latim com as outras línguas indo-européias e pela riquíssima informação bibliográfica.

Não foi menor o remanejamento feito na 5.<sup>a</sup> edição (1928) da parte de Sintaxe inicialmente devida a Schmalz da extensa *Lateinische Grammatik* de Friedrich Stolz e Joseph Hermann Schmalz, renovação não apenas na parte relativa ao latim, mas ainda nas constantes aproximações do idioma do Lácio às línguas germânicas, mormente, como seria natural, ao alemão, e às línguas românicas, tornando, assim, a obra um precioso instrumento de informação ao romanista. Ainda na preparação da sexta edição desta citada obra, sob a supervisão de Anton Szantyr e saída em 1965, beneficiou-se o novo editor de várias notas e observações que Hofmann apusera ao seu *Handexemplar*, confirma Szantyr no prefácio (p.vi).

O seu extraordinário conhecimento do latim levou-o a escrever uma obra de importância fundamental a que já antes fizemos referência, a *Lateinische Umgangssprache*. Trata-se de uma obra estimulante, de difícil confecção, já se vê, no rastreamento daqueles fatos que, registrados em obras escritas, denunciam traços da língua de uso, da língua de conversação. Seu objetivo é distinto do que motivou a obra de um compatriota seu, Fr. Oskar Weise, cujo título traduzido seria *Características da língua latina* (1.<sup>a</sup> ed. 1891), trabalho que reúne observações finas, ao lado de outras impressionistas, entre fatos de língua e reflexo da mentalidade do povo, obra que teve larga divulgação no mundo dos especialistas.

Todavia, não foram livros como o de Weise que serviram de inspiração à obra de Hofmann; explicitamente, nosso autor aponta como inspiradores os trabalhos de Hermann Wunderlich (*Unsere Umgangssprache, Nossa língua coloquial*, Weimar e Berlim 1894), em que estuda a língua da conversação em alemão, de Leo Spitzer (*Italienische Umgangssprache, Língua coloquial italiana*, Bonn, 1922),

sobre o italiano coloquial, e de Charles Bally (*Traité de stylistique française*, Heidelberg, 1909), além, naturalmente, dos trabalhos predecessores relativos à língua coloquial latina, como, entre outros, o de O. Rebling (*Versuch einer Charakteristik des römischen Umgangssprache, Ensaio de uma característica da língua coloquial dos romanos*, Kiel, 1873).

Para Hofmann, essa *Umgangssprache* se caracteriza, em primeiro plano, como língua afetiva; e é nessa linha que procura rastrear, nos documentos escritos, essa variedade diafásica, estilística.

Bem mais difícil do que a tarefa de Wunderlich e Spitzer, que pesquisavam a língua viva, possível de ser quase fotografada, Hofmann lidou com textos escritos de épocas distintas, o que representa *corpora* variados no tempo, nos gêneros e nos estilos de época. Daí certos cuidados de resenhadores da obra em aceitar alguns dos resultados a que chegou o nosso latinista, embora todos reconheçam os méritos do trabalho como um todo. Como diz Pasquali, a consideração histórico-lingüística não se separa impunemente da histórico-literária (*Pagine stravaganti*, 2, 333).

Hofmann teve de enfrentar problemas de ordem teórica: citem-se o conceito de *Umgangssprache*, a relação entre língua escrita e língua falada e, não menos complexos, os pontos de contato e de distância entre o latim da conversação e o chamado *latim vulgar*. Neste último caso, Hofmann nega, com muita razão, que esse *latim vulgar* possa estar inserido num conceito único, quer no tempo, quer no espaço.

Apesar das dificuldades inerentes a uma obra dessa natureza, o profundo conhecimento do latim, especialmente de sintaxe, tão profundo que parece instintivo – como assinala Heinz Haffter, em conferência lembrada por Licinia Ricottilli, faz da *Lateinische Umgangssprache* um livro precioso.

Infelizmente, em língua portuguesa, especialmente entre brasileiros, o excelente livro de Hofmann passou quase despercebido, embora suas lúcidas observações possam ainda trazer subsídios à análise e à interpretação dos que fazem hoje estudos sobre o português falado. Faz exceção o professor Said Ali que, já em época próxima à saída da 1.<sup>a</sup> ed. da obra (1926), a utilizara em artigo sobre interjeições, depois inserido nos *Meios de expressão e alterações semânticas* (Rio de Janeiro, 1930).